

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

ARIADYNE GOMES FERRANDDIS

***PÉ DE ACEROLA*: performance, criação e ancestralidade a partir de
contrabaixos, vozes, computador e formação de redes.**

PORTO ALEGRE

2024

ARIADYNE GOMES FERRANDDIS

***PÉ DE ACEROLA: performance, criação e ancestralidade a partir de
contrabaixos, vozes, computador e formação de redes.***

Projeto de graduação em Música Popular
apresentado ao Departamento de Música do
Instituto de Artes da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial
à obtenção do título de Bacharel em Música

Orientadora: Prof^ª. Dra. Luciana Prass

PORTO ALEGRE

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Ferranddis, Ariadyne
PÊ DE ACEROLA: performance, criação e
ancestralidade a partir de contrabaixos, vozes,
computador e formação de redes. / Ariadyne
Ferranddis. -- 2024.
45 f.
Orientadora: Luciana Prass.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2024.

1. música popular. 2. música e gênero. 3.
contrabaixo. 4. performance e criação. I. Prass,
Luciana, orient. II. Título.

à memória de Vô Vander e à vida de Vó Gelci.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a meus avós Vander e Gelci por terem criado uma família com tanto amor e carinho e por terem proporcionado uma casa mágica que foi palco da minha criação. Para minha Vó, agradeço por ter aceitado musicar sua casa, suas palavras e suas histórias. Neste trabalho percebi que minha maior influência vem de casa, e minha vontade de fazer arte e me expressar vem de lá também.

Agradeço a meus pais, Everton e Adriane por sempre incentivarem o melhor de mim e me apoiarem em todas as situações. Obrigada também por me criarem dizendo que sou capaz. Obrigada por me criarem para ser independente mas também para saber pedir ajuda. A esses quatro que me criaram, obrigada por serem sempre casa para eu voltar.

Ao meu irmão Nikolas, obrigada por ainda criança ter escolhido o baixo elétrico e abrir caminhos para que, na minha vez, tudo fosse mais fácil. E obrigada principalmente por me incentivar a, mesmo não sabendo, fazer e aprender.

À minha orientadora Lu Prass, obrigada por todo carinho e aprendizado durante a graduação, por ensinar que podemos aprender pela sensibilidade e pelo amor, e por toda oportunidade dada. À minha orientadora de grupo de pesquisa e banca deste trabalho, Isabel Nogueira, por incentivar cada prática, composição e principalmente por ensinar a voltar o olhar e contar sempre, para escrever uma nova história. Às minhas colegas de pesquisa Jalile, Antonella, Fernanda, Garbi e Luiza. Às minhas amigas e parceiras de som Mari, Angelis, Ana, Karol e Jalile, cheguei até aqui muito por ter aprendido e compartilhado com elas.

Ao Lu, meu companheiro diário, obrigada por todo amor, trocas cotidianas e crescimentos, por sonhar e realizar sonhos comigo.

RESUMO

Neste trabalho, busco relatar, a partir de um memorial descritivo, o processo de criação e as decisões técnicas e subjetivas, tomadas para a realização e produção audiovisual da performance “*Pé de Acerola*”, que teve como inspiração a casa de meus avós, onde cresci. Nele, busco refletir sobre as interrelações entre performance, criação e ancestralidade, tendo o contrabaixo e o computador como ferramentas. A partir das epistemologias feministas (RAGO, 1998) como uma lente para questionar as relações de poder na criação musical, construo essa performance associando minhas vivências como mulher instrumentista e também aspectos da minha subjetividade. Discorro sobre os processos de produção da performance e também de criação do material musical. Busco com isso relacionar as histórias que vivi e escutei naquela casa, a partir de registros de áudio e vídeo, e também rearranjar peças que foram importantes durante minha trajetória como instrumentista.

Palavras-chave: música popular, música e gênero; contrabaixo; performance e criação.

ABSTRACT

In this work, I try to describe, through a descriptive memoir, the process of creation and the technical and subjective decisions made for the realization and audiovisual production of the performance "Pé de Acerola", which is inspired by my grandparents' house, where I grew up. In it, I try to reflect on the interrelations between performance and creation, using the double bass and the computer as tools. Using feminist epistemologies (RAGO, 1998) as a lens to question power relations in musical creation, I construct this performance by associating my experiences as a female instrumentalist with aspects of my subjectivity. I discuss the processes of producing the performance and also of creating the musical material. I try to relate the stories I experienced and heard in that house, based on audio and video recordings, and also rearrange pieces that were important during my career as an instrumentalist.

Keywords: popular music, music and gender; double bass; performance and creation.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Pé de Acerola	16
Imagem 2 - Vô Vander e Vó Gelci comigo em meu aniversário de 2 anos, realizado na casa deles	20
Imagens 3 e 4 - Dia do ensaio fotográfico, 18 de outubro, realizado na casa de meu avós, com a Prisma Prod, Julia e Natalia	26
Imagens 5 e 6 - <i>Card</i> de divulgação da performance para redes sociais e convite, design gráfico feito por mim	27
Imagens 7 e 8 - Dias de gravações para as trilhas, na casa de meus avós e no estúdio da UFRGS.....	29
Imagem 9 - Dia de ensaio individual, no estúdio Sótão, com a companhia de Hermeto.....	33

SUMÁRIO

introdução

<i>de onde eu vim</i>	9
<i>no quarto ao lado</i>	9
<i>o internato</i>	10
<i>a Universidade</i>	12
<i>a partir de Tamiris</i>	13
<i>a pandemia</i>	14
<i>groove das gu</i>	15
<i>@dybaixista</i>	15

capítulo um: música, corpo, gênero e memória

<i>rua São Pedro, 134</i>	17
<i>estudos de gênero, corpo e música</i>	20

capítulo dois: sons para reverberar a casa

<i>crescer de um pé de acerola</i>	24
<i>a performance</i>	26
<i>o que significa casa pra ti</i>	27
<i>tricô de retalhos</i>	29
<i>mi mana</i>	30
<i>pé de acerola</i>	32
<i>beili</i>	33
<i>angelis</i>	34
<i>ana</i>	35
<i>karol</i>	36
<i>jalile</i>	36

capítulo três: pós-produção, prospecções.

considerações finais

referências

introdução

de onde eu vim

Penso que chegar nesse momento, de conclusão de minha graduação em música, é olhar para dentro de mim e tentar entender de onde e por que vem essa vontade de fazer arte. Minha história com a música começa até antes da minha existência nesse mundo, e pra chegar onde estou hoje, volto no tempo com as histórias que sempre ouvia durante a infância. Faço um recorte da minha família e vejo que, a partir disso, enxergo a música em muitos aspectos. O primeiro ponto que sempre escutei foi que meu avô paterno, Armando, era músico, baterista e cantor. Já na minha chegada ele não exercia mais a música com tanta intensidade e me levar aos karaokês que participava, era o jeito que enxerguei música nele, sempre que cantava me convidava a ir cantar com ele. Já por parte materna, via em meus avós a música no dia a dia, o costume de, aos domingos, meu avô, Vander, ligar seu sistema de som - ainda funcionando na época -, colocar um disco e escutar o melhor da música gaúcha. Ou, em seus últimos momentos, pedir a mim para escutar músicas bonitas, como ele dizia, Roberto Carlos e outras. Por parte de minha avó materna, Gelci, sempre a vi fazendo arte. Além de pintar quadros e objetos com muita cor e personalidade, fazer costura, bordado e tricô, participa até hoje de um grupo vocal de senhoras. Eu passava os dias durante minha infância com eles, então ia junto aos seus ensaios, cantava junto, assim como assistia todas as suas apresentações.

Olhando agora diretamente aos meus pais, além da música que minha mãe cantava pra mim durante a gestação e minha infância, *Se essa rua fosse minha*, sempre escutei a história de uma escola de samba que eles participaram, ainda antes do meu nascimento, em Esteio. Mas por conta de decepções que tiveram na época, isso sempre era um tabu nas conversas, e só consegui ter uma perspectiva do que havia acontecido e como funcionava a Escola anos depois, mas sei que naquela época meu pai participava da bateria tocando surdo. Por outro lado, durante os finais de semana em casa, principalmente aos sábados pela manhã, havia o momento de escutar música bem alta na sala. Allí meus pais colocavam seus gostos maiores: Nenhum de Nós, Ana Carolina, Jorge Aragão, Alcione, rock gaúcho e outros mais.

no quarto ao lado

Porém, por mais que eu veja minhas influências em todos que, de alguma maneira, me criaram, minha maior influência na música se encontrava no quarto ao lado e crescia junto comigo. Meu irmão, Nikolas, dez anos mais velho que eu, começou a tocar instrumentos aos quatorze anos, e foi aí que, com quatro anos de idade, conheci um baixo

de perto. Talvez pela influência que temos de nosso avô Vander, consertar coisas quebradas sempre pareceu o mais lógico a se fazer para conseguir algo que queria, e foi assim que o Nik fez quando quis, já adolescente, começar a tocar baixo e o que tínhamos disponível era um baixo quebrado e jogado na garagem de nossa avó Vera. Foi lá que ele encontrou um *Precision Giannini 1983*, o reformou e começou a estudar o instrumento. E para mim e minha curiosidade infindável, o quarto dele era meu lugar favorito para explorar em nossa casa. Durante minha infância, um dos meus hobbies favoritos era visitar o quarto quando ele não estava e ficar tocando no baixo, ainda sem saber como. Apertava e mexia nas tarraxas das cordas para tentar entender como funcionava. Claro que talvez por nossa relação de irmãos ainda jovens, naquela época não conseguia aprender a prática de um instrumento com ele, mas via nele referência. Comecei a escutar música muito também pelos cds dele que sobravam pela casa, ou de cds que ele montava pra mim com compilados de música que ele julgava interessantes. E assim, cresci escutando bandas de rock como *Linkin Park*, banda que escuto até hoje, assim como *Metallica* e muitas outras. Seguindo minha linha cronológica, aos nove anos de idade ingressei no coral de minha escola. Performávamos algumas canções daqui do sul, como Kleiton e Kledir, e nos apresentávamos em eventos da escola e também fora dela. Meu gosto musical ainda era muito permeado pelas influências do meu irmão, mas foi por essa idade que comecei a descobrir o universo do pop, muito pela influência que eu tinha da televisão, principalmente canais como *Disney* e *Nickelodeon*, que faziam parte do meu cotidiano. Escutava diariamente e também pesquisava vídeos no Youtube de artistas como Miley Cyrus, Adele, entre outras.

Aos meus doze anos, época também que meu irmão iniciou os estudos para a Prova Específica da UFRGS, comecei a ter aulas de violão, o primeiro instrumento que havia ganhado de meus pais dois anos antes. As aulas aconteciam semanalmente com o professor Daniel Mueller, que também era professor de baixo do meu irmão. Fiz alguns anos de aula, mas não mantinha uma prática constante e não evoluí muito no instrumento. Já com treze anos ingressei no grupo *Onda*, grupo de jovens da igreja católica, e lá participava do grupo de música, fazia aula de violão coletiva e também tocávamos nos encontros do grupo.

o internato

Foi perto dos quinze anos, em 2015, que o contrabaixo entrou na minha prática. Tive a oportunidade de cursar o ensino médio em uma escola com moradia escolar, na cidade de Ivoti. Sendo assim eu passava a semana na escola, e precisava de créditos complementares nos períodos da tarde além das aulas tradicionais. Havia recebido antes de chegar na escola uma lista das atividades complementares oferecidas, dentre muitas

que eu poderia escolher, as práticas de instrumento e orquestra me chamaram mais atenção. Foi então que meu irmão sugeriu que eu fizesse aula de violoncelo, as aulas de contrabaixo não estavam descritas no papel. Logo, chegando lá, procurei os professores de música e perguntei se eu poderia iniciar um instrumento, o professor Irving Feldens, me respondeu sugerindo que eu fizesse aulas de contrabaixo, que era um dos instrumentos que não possuía nenhum aluno naquele momento e eu ali logo aceitei. Quando escutei a palavra "contrabaixo" me chamou atenção, eu sabia da existência de um baixo acústico, diferente do que meu irmão tocava, mas nunca tinha o visto de perto. Foi assim que eu vi e seu tamanho me impressionou e ao mesmo tempo me deixou entusiasmada e curiosa em aprender um instrumento novo.

Naquele ano, após começar as aulas de contrabaixo acústico com o professor Alexandre Frozi, ingressei no que chamavam de "orquestrinha", a primeira orquestra para os iniciantes dos instrumentos. Entrei também nas aulas de prática de canto coral, teoria musical e teatro. No ano seguinte, ingressei na Orquestra Sinfônica Jovem Ivoti, e no ano posterior ingressei no grupo profissional da escola, a Camerata Ivoti. Durante esses três anos, vivi diversas experiências em música que com certeza marcaram minha memória. Tínhamos diversos encontros anuais com escolas da rede sinodal de conjuntos instrumentais, coral e teatro, assim como a escola de música, Ascarte, que funcionava dentro da escola que estudei, promovia encontros de instrumentistas que recebiam diversos professores para masterclasses e para ministrar práticas de orquestra. Durante esses anos participei de muitos concertos em diversas cidades do estado, sendo solista algumas vezes. Uma das coisas que, na época, me chamavam atenção, é que nesses encontros que participei, em muitos fui o naipe de contrabaixo sozinha, ou a única mulher no grupo. Nesses primeiros anos de estudo do instrumento, tive como foco, estar ao final do terceiro ano como apta a realizar e passar na prova específica da UFRGS, fosse em contrabaixo ou em música popular. Em meu segundo ano de Ensino Médio, realizei a prova específica de contrabaixo acústico para possuir a experiência.

No ano de 2017, conheci o *Girls Rock Camp*, um acampamento de rock para meninas de 7 a 17 anos, onde além de aprender um instrumento entre canto, guitarra, bateria ou baixo, as cursistas formavam bandas juntas e participavam de oficinas de criação de música, fanzines, camisetas, defesa pessoal, identidade e expressão corporal. Eu possuía 16 anos e estava participando como campista naquele verão. Mesmo já tendo a prática do baixo acústico há um pouco mais de um ano e meio, estar ali na posição de aprender e criar com o baixo elétrico me pareceu desafiador e, ao mesmo tempo, ver tantas mulheres instrumentistas envolvidas em todo o processo, me fez sentir muito acolhida. Acredito que foi no *camp* que eu pude ter uma visão prática sobre empoderamento feminino e sair dali me dizendo e sentindo feminista. Ao final da semana realizamos um show onde

pude, pela primeira vez, me apresentar com uma banda formada apenas por mulheres, e em um lugar referência dentro da história da música do nosso estado: o Bar Ocidente.

No final daquele ano, já finalizando meus estudos em Ivoti, prestei a prova específica para música popular, onde obtive a aprovação mas não obtive no vestibular. Realizei também a prova para ingressar no Conservatório Pablo Komlós, da Escola de Música da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa). Conseguindo a aprovação, ingressei em seguida na Ospa Jovem. Durante o ano seguinte, após finalizar o Ensino Médio, estudei no Conservatório e realizei novamente a prova para música popular, e pude voltar ao Girls Rock Camp, dessa vez como voluntária, onde pude dar aulas de baixo elétrico pras meninas, além de trabalhar como roadie e MC (mestre de cerimônia). Foi no *camp* que tive a notícia de meu nome constar no listão do vestibular, dentre os aprovados, ingressando então, em 2019/1, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

a Universidade

Ingressei no curso de música popular com o baixo acústico no intuito de me familiarizar com o estilo, por mais que minhas lembranças e vivências com o curso de música popular começassem ainda antes, com o ingresso do meu irmão Nik no mesmo curso. Exemplos dessas vivências antes de meu ingresso são vários: quando fui ao concerto de estreia da Big Band do Instituto de Artes (IA), ou diversos dos eventos programados pelo *Sônicas: Estudos de Corpo, Gênero e Música*, dentre eles, apresentações do Coletivo Medula e rodas de conversa sobre gênero e música; ou ainda quando fui ao recital de graduação em música popular de Josué de Oliveira, no qual meu irmão realizou o registro de áudio; assim como quando fui à performance de Isadora Martins (Zazá) também de seu projeto de graduação em música popular *Zazá: feita à mão*.¹

Lembro do primeiro dia de aula de prática coletiva, com a professora Isabel Nogueira: era a primeira vez que entrava em uma sala de estúdio grande e a primeira vez que eu me colocava para tocar com outras pessoas em uma situação diferente de um ensaio de orquestra ou concerto com o baixo acústico. Lembro que estava muito entusiasmada com aquele primeiro semestre e por chegar em um lugar onde tanto almejei e planejei por anos como a UFRGS, sem contar toda a euforia de vivenciar os espaços que já formaram tantos artistas que admiro. Era tanta a emoção que logo no primeiro semestre queria poder vivenciar a universidade todos os dias de minha semana. Então, além das cadeiras obrigatórias, logo me inscrevi nas cadeiras eletivas de Música e Gênero, da profa Isabel Nogueira e de Prática de Canto Popular, da profa Caroline Abreu. No mesmo ano ingressei no grupo de pesquisa *Sônicas: Estudos de Corpo, Gênero e Música*, sendo

¹Gênero, música e tecnologia: relato sobre a performance feita à mão, disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/187869> e também  Zazá: feita à mão @ Galeria La Photo .

orientada pela professora Isabel Nogueira, iniciando naquele mesmo ano como bolsista de Iniciação Científica do grupo. Os estudos em gênero e música e meu desejo de explorar a música popular, me fizeram repensar minha participação na orquestra, principalmente por tudo que o estudo conservatorial representa.

a partir de Tamiris

Sendo assim, naquele mesmo ano resolvi buscar por novas práticas e novos professores, saindo da escola da Ospa. Fiz então aula de baixo acústico com o professor Edu Martins e, em seguida, iniciei as aulas de baixo elétrico com a professora Tamiris Duarte. Começar a ter aulas de prática de instrumento com uma professora mulher fez toda a diferença nos meus estudos. Já conhecia a Tami desde antes de iniciar as aulas de baixo com ela. Lembro que meu irmão, logo no início de sua graduação, havia me falado de uma baixista, colega dele, e eu, naquela época, nunca tinha ouvido falar de uma mulher baixista ou visto uma, e aquilo me deixou muito animada e pensando que era possível eu me enxergar como uma baixista também. Ele me disse que ela usava cordas coloridas neon o que me marcou a memória. Em 2018, no recital de graduação do Josué, a vi participando com seu grupo *Tami Trio*. As cordas neon me lembraram das conversas e a reconheci. Desde então comecei a acompanhá-la nas redes sociais e a ir a shows em que ela participava. Fui a um show da cantora e compositora Paola Kirst e o Kiai Grupo, no Agulha, em que iria ter a participação de Tami. Naquele dia ela não tocou baixo, mas cantou ao lado de Paola uma canção sua. Lembro disso com carinho pois foi naquele dia que tive a coragem de me apresentar a ela e perguntar se poderia começar a ter aulas de baixo elétrico.

Entrando no curso de música popular me deparei com um universo musical que não conhecia, minha prática até então era guiada pela música de concerto. Eu tinha conhecimento em ler cifras e sabia como os acordes se compunham mas não sabia aplicar na prática e tampouco criar linhas de baixo no instrumento, sem que fosse com uma partitura escrita anteriormente. Foi com o início das aulas de baixo elétrico com Tamiris, em agosto de 2019, que ele entrou na minha prática cotidiana, e foi a primeira vez que escutei que eu tinha a liberdade em escolher as músicas que gostaria de aprender no instrumento. A partir disso, partimos com ela me ensinando e guiando semanalmente a traduzir tudo que eu sabia lendo, a criar tocando o instrumento. O repertório era diverso. Assim como tentei me aprimorar com ela em tocar e aplicar os padrões de ritmos brasileiros, dos mais variados: estudei a partir do pagode, do forró, assim como ijexá, baião entre outros. As aulas com a Tami me fizeram enxergar e ter ferramentas para tocar e dominar os espaços que queria, e a partir das aulas delas mudei minha prática com o baixo acústico também.

Além das trocas nas aulas e encontros com Tamiris, e de seus incentivos, comecei a pegar trabalhos e a vivenciar a prática de ser baixista acompanhando grupos diversos.

Naquele mesmo ano, ingressei no bloco de carnaval *Não Mexe Comigo que eu não ando só*, composto apenas por mulheres, com o qual fiz minha primeira apresentação, no Bar Opinião. Ainda logo antes da chegada da pandemia da Covid 19, em 2020, toquei acompanhando a escola de percussão *As Batucas*, no show de carnaval realizado no Villa Flores, em Porto Alegre. Ingressei também naquele ano, na banda *Pônei Xamânico*, realizando uma primeira apresentação ainda antes do início da quarentena.

a pandemia

Logo, com a entrada da pandemia da Covid-19, mantive as aulas de instrumento online e utilizei daquele tempo de isolamento social para aprender diversos ritmos e me aprimorar na prática do baixo elétrico. Com a volta das aulas da UFRGS em EAD, no segundo semestre de 2020, e a necessidade de realizar uma prática coletiva a distância, me dispus a aprender e entender melhor os processos de gravação e mixagem, algo que não tinha experiência até o momento. Comecei os estudos a partir de um workshop ministrado pelo meu irmão em minha turma de prática coletiva e segui estudando com ele e praticando no Reaper conforme íamos gravando e realizando as práticas do curso.

Durante o ERE, Ensino Remoto Emergencial, na UFRGS, também realizei a cadeira de trilhas sonoras, com o professor Adolfo Almeida Júnior, que me motivou a criar trilhas, musicar textos e áudios, a partir disso me propus a criar todas as músicas, gerando minhas primeiras composições individuais, como *Revolta*,² um poema de Júlia de Carvalho Hansen, que musicuei para a cadeira. Nesse período, no Grupo Sônicas, participei do congresso da Associação Brasileira de Pesquisa em Música (Anppom) apresentando nosso projeto denominado “Sônicas no Instagram”, onde fazíamos a divulgação de textos, álbuns e músicas, falando sobre gênero e também realizando entrevistas com mulheres compositoras e instrumentistas, quando pude entrevistar e conversar via live no Instagram com diversas musicistas de Poa e região.

Com o avanço da COVID-19, acabo voltando para Canoas e retorno à casa de meus pais, onde nesse período também, me aproximei da minha amiga Karol Engel. E foi durante a pandemia que fortalecemos nosso vínculo de amizade. A partir de trocas musicais com ela que gravei meus primeiros materiais de contrabaixo sozinha em meu quarto, operando, gravando e mixando. Lembro que foi para a aula de prática coletiva com a professora Luciana Prass que criamos uma versão da música *Olivia*³, de Paola Kirst. A versão foi um rearranjo da música com baixos acústico e elétrico e vozes em duo, Karol e eu.

² Disponível no link <https://youtu.be/yk6LoLxXpns>.

³ Disponível no link [Olivia - Paola Kirst e Cleiton Oliveira \(Dy e Carol\)](#).

groove das gu

Logo depois, uma amiga nossa, Alice, nos convidou para um *freela*, na cafeteria em que trabalha. Nós, sem entendermos muito bem do que se tratava e precisando de um trabalho ali naquele período, logo aceitamos. Após entendermos que o *freela* na verdade se tratava de uma performance de música ao vivo de duas horas na cafeteria, tentamos montar em uma semana um repertório e ter ferramentas de juntas dar conta do trabalho. No repertório escolhemos das mais diversas músicas dos nossos gostos, do pop à mpb, funk e sertanejo. Na necessidade de uma divulgação do evento, por se tratar de um duo de voz e baixo, e criarmos versões das músicas, nos denominamos *Groove das Gu*⁴. Essa apresentação não aconteceu muito bem como esperávamos e na verdade tínhamos preparado menos de duas horas de músicas então muitas tivemos que repetir. Mas realizamos a *gig* e a partir dali entendemos que podíamos investir nisso como uma renda na música também. Gravamos alguns materiais de vídeo nesse formato para venda, criamos um perfil no Instagram pensado para divulgar nosso trabalho e ainda realizamos mais uma apresentação na cafeteria no formato duo, com a participação de Luan Rosa no violão, meu companheiro e colega de faculdade, que nos foi apoio desde o início do *Groove das Gu*, até com empréstimo de equipamentos. Essa participação dele em duas músicas nos foi fundamental para logo em seguida buscarmos uma violonista para integrar conosco a banda. Foi então que entramos em contato com nossa colega de curso, Júlia Valentini, para compor a formação. Nossa primeira apresentação como trio aconteceu em novembro de 2021 no Espaço Cultural 512. A partir dali, gravamos alguns materiais em vídeo para vendas e começamos a trabalhar com música ao vivo diretamente. A partir do verão daquele ano, Júlia não teria mais disponibilidade de nos acompanhar e convidamos nossa amiga e também colega de curso, Jalile Petzold, para integrar o *Groove das Gu*. Desde então trabalhamos nessa e em outras formações entre nós em bares, pubs e eventos em Porto Alegre e região.

@dybaixista⁵

Ter essa vivência de trabalho com as gurias, foi plataforma para circular nas redes sociais e paralelamente, construir meu trabalho como baixista, acompanhando então outros artistas em seus trabalhos autorais. Durante esse período, pude gravar e dar som ao baixo de algumas músicas que estão disponíveis no *Spotify*, como *Retratos*⁶, de Ana Matielo, *Cacilda*, de Clarissa Ferreira, *Volta*, de Karol Engel, *Trilha Sonora*, de Natê, entre outras músicas. Desenvolvi também um trabalho de gravação de baixo em vídeo onde pude gravar

⁴ *Gu* como referência a “gurias”.

⁵ usuário que adotei nas redes sociais como *instagram*.

⁶ Clipe oficial disponível em [RETRATOS | Ana Matielo part. Dy Ferranddis](#) gravado em Julho/2021 no Agulha, em Porto Alegre.

trabalhos com artistas como Alexandre Pires⁷, Luciano Reis e, mais recentemente, com o grupo *Samba Delas*⁸.

Chegando nesse momento de finalizar o curso de música popular, busquei olhar para minha trajetória e criar um produto artístico a partir disso, no qual além do fechamento desse ciclo, busquei unir minha trajetória pessoal e profissional. Em março de 2023, perdi meu avô Vander, com quem sempre tive muita proximidade. Foi a primeira vez que enfrentei um processo de luto tão intenso e por isso procurei ressignificar e traduzir esse momento em forma de música, também em uma tentativa de, a partir do som e da criação, reencontrá-lo de alguma maneira.

Sendo assim, a partir disso e das minhas vivências como mulher instrumentista, além do show que preparei e produzi, refleti, nesse memorial descritivo, sobre os processos de criação, técnicos e subjetivos do desenvolvimento da performance *Pé de Acerola*, onde tive, como inspiração, a casa de meus avós, onde cresci, e a vida de meu Avô Vander e de minha Avó Gelci. A performance incluiu três criações minhas com contrabaixos e computador e contou também com a participação de minhas amigas, parceiras de som, que me convidaram para gravar e colocar vida ao baixo em suas músicas. As criações foram realizadas a partir de registros de áudio, e de gravações de campo que fiz na casa de meus avós, incluindo histórias contadas pela minha avó e um verso tema que criei como uma despedida ao meu avô, que dá nome à performance *Pé de Acerola*. Nesse processo, pude olhar novamente para a minha trajetória e perceber a rede de mulheres que me cercam, tanto musicalmente, quanto afetivamente - dentre elas, as mulheres que me criaram, minha mãe e minha avó. A performance pública foi realizada em 21 de novembro de 2023, na casa de meus avós, e foi gravada em áudio e vídeo.

⁷ clipe de *Mientes tan bien* gravado em Fev/2021 no Teatro do Bourbon Country em Porto Alegre, especial *Latin Lover* de Alexandre Pires, disponível em

▶ [Mientes Tan Bien - Alexandre Pires - Latin Lover \(En Vivo\)](#)

⁸ Balancinho *Samba Delas* gravado em dez/2022 no Pierre Bar em Porto Alegre disponível em

▶ [Grupo Samba Delas | Ao Vivo no Balancinho - Modo Avião/ A tua Voz/ 700 por Hora/ Radar](#)



Imagem 1 - Pé de Acerola (arquivo pessoal).

capítulo um: música, corpo, gênero e memória

*tuas coisas continuam aqui,
a bengala ainda enfeitada a entrada,
as flores continuam a ornar e abraçar a casa.
aqui não é o mesmo sem ti,
mas é pra cá que volto pra te reencontrar e me reencontrar.
(diário pessoal, 22 de julho de 2023).*

rua São Pedro, 134

Sueli Rolnik, em sua obra “Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura”, aborda a subjetividade como o perfil de um modo de ser, que recorta o espaço formando um interior e um exterior, é como se o diagrama que dá à pele sua atual tessitura, tivesse se corporificado num microuniverso. Assim, o corpo não se dissocia da mente e carregamos em nossa subjetividade um coletivo de cartografias culturais, sentimentais e de vivências e memórias porque não há subjetividade sem uma cartografia cultural que lhe sirva de guia. Através dessa relação entre corpo e subjetividade, ela coloca que é na obra que o artista materializa o diagrama que sente vibrar em sua pele, o que liga as paisagens é a transversalidade de ética, cultura e subjetividade como um oxigênio vivo em sua versão humana. (Rolnik, 1997)

Nasci em 29 de junho de 2000. Segundo minha mãe, ela sempre sonhou em ter uma filha que fosse nascida na virada do milênio. Meu nome foi também escolhido por ela, *Ariadne*⁹. O *y* que possuo nele vem de uma consulta de numerologia feita por ela, de maneira que com o adicional da letra, me tornaria uma pessoa mais decidida. Mesmo assim registrada, Ariadyne, me apresento como Dy, apelido familiar que tomou proporções em todos os âmbitos da minha existência. Aprendi a falar *Dy*¹⁰ muito antes de falar Ariadyne. Acredito que para uma criança a pronúncia é mais fácil, mas preferindo não ter que sempre soletrar meu nome ao me apresentar, adotei Dy como meu primeiro nome e como me digo ao mundo.

Durante minha infância cresci com a presença e cuidado constante de meus avós maternos Vander e Gelci. Eles tinham respectivamente 63 e 60 anos no ano em que nasci. Meu avô construiu uma carreira e uma família a partir da construção civil, enquanto minha Vó trabalhou em casa, com costuras e o cuidado e criação dos filhos e posteriormente ajudava ele com burocracias e administração de sua empresa de construção VAG¹¹.

⁹ Ariadne que, na mitologia, é filha de Minos, Rei de Creta. A lenda conta que ela ajuda Teseu, um grande amor, a descobrir a saída do labirinto do Minotauro para então derrotá-lo, com uma bola de fios de ouro que dá a ele para realizar a volta.

¹⁰ Com pronúncia como “*di*” no português.

¹¹ De Vander Alves Gomes, existiu entre 1972 e 2007.

Eles se conheceram em Santa Maria, no período dos anos 50, ele vinha de *fora*¹² para a cidade saindo do trabalho no campo onde morava com seus pais, que eram seus também seus avós paternos. Aprendeu com um tio a trabalhar como servente em obras, seguindo no ramo até o fim de sua carreira. Meu avô cursou até a segunda série, ele contava que a escola era muito longe para ir todos os dias e que também seus pais, Juvenal e Isabel, precisavam de ajuda nos trabalhos em casa no campo, onde se plantava e criava animais. Já minha Vó Gelci é nascida na cidade de Santa Maria, filha de Feliciano e David, cursou até o que seria o ensino fundamental hoje e teve um trabalho em comércio até antes de se casar. Depois do casamento dedicou seu trabalho aos cuidados de casa, mas ainda bordava, costurava e fazia pães para vender.

Se casaram em 1958, ela com 18 e ele com 21 anos. Minha Vó tinha 20 anos ao ter o primeiro filho; 22, na segunda filha e, em 1968, aos 28 anos, teve sua filha caçula, Adriane, minha mãe. Eles viveram os cinco em Santa Maria até 1970 e na tentativa de oportunidades de trabalho, migraram para a cidade de Canoas, em 1971. Moraram em algumas casas por diversos bairros da cidade até 1981 quando se mudaram para a Rua São Pedro, número 134.

A casa foi construída e planejada por meu avô, junto aos pedidos e escolhas da minha avó durante a construção. E para meu avô a casa era a realização do sonho que ele tinha em construir para minha avó uma casa tão bonita quanto as que ele construía no trabalho. Suas características e peculiaridades habitam cada canto da casa, e como as casas de antigamente, possuem cômodos grandes capazes de sempre hospedar mais um. Ao total são dez netos, onde eu sou a mais nova. Muitos dos netos de meus avós passaram pelos cuidados de minha avó, logo que nasci meus pais moravam com eles, em seguida nos mudamos, mas sempre voltávamos e os visitávamos diversas vezes na semana. Além do tempo que eu ficava com eles durante a semana, enquanto meus pais trabalhavam, passava também os verões na praia de Mariluz, onde eles também possuíam casa.

O pátio era meu maior brinquedo e cenário para todas as criações possíveis, além de durante as estadas lá, acompanhar meus avós em todas as suas atividades. Também ajudava nas tarefas de casa, como cozinhar, com minha avó e colaborar nos consertos caseiros, com meu vô. Eles sempre cultivaram o cuidado e o carinho por plantas e animais, e no pátio, além de uma linda palmeira, diversas plantas e flores, existe um pé de acerola. Segundo minhas pesquisas, tanto com meu avô ainda em vida quanto com minha vó, mãe e pai, o pé foi plantado logo perto do meu nascimento. Dessa maneira pra mim acerola sempre foi uma fruta que nunca faltou. Pelo contrário, temos em abundância. O pé cresceu, os frutos que nascem sempre quando começa a época do verão, eram tantos que meu avô

¹² Expressão usada no Rio Grande do Sul para se referir a cidades no interior do estado.

congelava para estoque próprio para o restante do ano, além de dar para nós, vizinhos e familiares.

Meus avós sempre foram muito religiosos, seguiam a religião católica e frequentavam grupos da igreja, além de muitas vezes participarem de grupos de sopão, doação de roupas e pastoral da saúde, todos ligados à igreja São Luiz, em Canoas. Mas além das práticas tradicionais de ir à missa toda semana e em feriados especiais, existe a prática da bênção de meus avós. Sempre ao sair, para proteção, para espantar insetos, assim como os sagrados própolis e babosa, que segundo eles são capazes de curar tudo. O próprio suco de acerola também curava. Segundo eles, tem muita vitamina C e sempre mantém a imunidade alta, além de hidratar e ser muito gostoso. Todas as variações de doces, sucos, geléias podem ser feitas com acerola e minha vó sabe fazer qualquer uma.

Por ser a neta mais nova, meu nascimento coincidiu com a época de suas aposentadorias, então podiam passar os dias comigo, e foram assim pra mim como meus segundos pais, mas ainda mais forte, sendo avós de uma maneira que não saberia explicar. A casa deles é meu inconsciente, nela me criei e aprendi os primeiros passos de crescer. Sempre retorno a ela e minha ligação com eles continua forte até hoje. Atualmente moram nela minha vó, minha mãe, meu pai e seus animais de estimação.

Em março deste ano de 2023 entendi que nossa vida é passageira e em algum momento precisamos continuar a viver sem a presença física das pessoas que amamos. Nunca enfrentei um processo de luto tão intenso, acompanhei meu avô até seus últimos dias e entender esse processo ainda é difícil para mim. Mas a partir dessa dor, me conheci e tento entender tudo que forma meu entorno, de onde vim, as pessoas que me criaram e como isso reflete na pessoa e profissional que sou hoje.

Durante a graduação tive a prática de usar em minhas criações e trabalhos, áudios gravados de falas de pessoas próximas a mim. Após a passagem de meu avô, percebi que tinha poucos arquivos gravados da voz dele, o que sinto falta. Por um momento até fico com raiva disso, gostaria que eu tivesse entendido muito antes que as pessoas são finitas. Percebo que além de imagens, o que mais conforta é escutar novamente a voz da pessoa que partiu, e pela minha prática de musicar áudios, inclusive de meus avós, por meio desse trabalho tenho como intuito reverberar mais uma vez a voz e memória de meu avô e também a vida de minha avó. Guardo alguns poucos áudios dele, e também arquivos de vídeo dos quais posso utilizar os áudios. Penso em música e arte como algo que fica além de nós e de nossa vivência física no mundo. Tenho como base a música para me expressar e é a partir dela que me encontro e que também vou reencontrar meu avô. Esse trabalho é além da tentativa de reencontrá-lo, eternizar a casa, seus sons que me são afetivos, mas para, principalmente, ter guardada em formato diversos, a voz de minha avó, que segue em vida comigo.

Nessa tentativa de entender o que sou e como me mostro ao mundo, aliada ao processo terapêutico, percorri nesses anos de graduação o caminho de me encontrar tanto profissionalmente quanto pessoalmente. No trabalho procuro relacionar, a partir de um recorte autoetnográfico de minha família e a partir da rede de mulheres que me encontrei profissionalmente, os conceitos de casa na criação musical a partir de um viés das epistemologias feministas (Rago, 1998) como uma lente para questionar as relações de poder dentro e fora do âmbito musical, quanto dos meios usadas para criação.

Trago também como objeto para as criações e de pesquisa, dois cadernos que carrego comigo para pensamentos e anotações diárias. Foram neles onde escrevi minhas palavras de despedida ao meu avô que li no dia de seu sepultamento e neles que carrego também, as últimas escritas de meu avô deixadas a mim. Nesses diários trago também as anotações para realizar esse projeto, e outras escritas minhas em momentos de reflexão e criações.



Imagem 2 - Vô Vander e Vó Gelci comigo, em meu aniversário de 2 anos, realizado na casa deles (arquivo pessoal).

estudos de gênero, corpo e música

Logo que entrei no curso de música, com habilitação em música popular, na UFRGS, eu tinha a vontade de me aprofundar nos estudos de música e gênero. Conhecia o grupo de pesquisa - Estudos de Gênero, Corpo e Música (EGCM), na época -, desde antes com a graduação de meu irmão que integrou o grupo ativamente durante seus anos no curso. Assim, ao me matricular em disciplinas ministradas pela prof. Isabel Nogueira, como Música e Gênero, e demonstrar interesse em pesquisa, ingressei no EGCM, atual Sônicas, na época formado por Isadora Martins, Nikolas Gomes, Jalile Petzold, Viridiana

Smidt e Sofia Pulgatti. Logo depois iniciei como bolsista de iniciação científica no projeto de pesquisa *Performance e criação sonora: diálogos, hibridismos e epistemologias*, orientada pela professora Isabel. Durante os anos que atuei como bolsista no Sônicas, pude apresentar e desenvolver três projetos para o Salão de Iniciação Científica da UFRGS, que acredito que foram essenciais para a concepção deste Projeto de Graduação¹³.

Freida Abtan em *Where is She*, ao falar sobre a presença de mulheres na cultura de música eletrônica, destaca a importância de compartilhar habilidades, assim como criar redes colaborativas, a autora coloca que:

Agora, quando alguém me pergunta como envolver mais mulheres na cultura de música eletrônica, eu tenho duas respostas: compartilhe suas habilidades, mas também compartilhe seus amigos e amigas com elas. Lembrem que cultura é algo que construímos juntos, fazendo, e ensinando uns aos outros como fazer. Façam um workshop. Organizem alguns shows. Promovam o trabalho uns dos outros. Abram seus arquivos e mostrem o que estão criando, e mais importante, mostrem como estão criando. Ajudem uns aos outros a botarem sua arte no mundo. Não se preocupem se eles ainda não sabem como se envolver, vamos todos construir o futuro da música juntos (ABTAN, 2016, p. 6, tradução livre).

Durante a graduação e minha participação no Sônicas, acompanhada das colegas Antonella Pons, Jalile Petzold, Fernanda Robin, Gabriela Cunha e Luiza Hermes, fomos instigadas, a partir das leituras e reflexões coletivas, a procurar por métodos que pudessemos compartilhar entre nós as nossas habilidades, ajudando assim a todas possuímos ferramentas para a realização de nossos projetos como artistas. Além das conversas e trocas semanais que eram base para a formação de uma rede que nos sentíssemos seguras a compartilhar e criar juntas, a importância de compartilhar ferramentas foi essencial, de maneira que ajudamos umas às outras a ter, principalmente, a vontade, a força e os métodos para criar e se expressar. Ao ministrarmos oficinas umas às outras, de habilidades distintas, cada uma compartilhava sua facilidade, de maneira a todas terem mais espaço e incentivo para seus próprios projetos individuais. Compartilhei com minhas amigas de grupo uma oficina sobre gravação e mixagem em casa, que tinha se tornado algo de meu interesse e pesquisa, devido à necessidade de gravação em casa de instrumento e a necessidade de, durante a época da pandemia, poder fazer música dentro de casa. Outras oficinas ministradas pelas colegas foram de composição, de criação de identidade visual, de planejamento, assim como, uma oficina de vídeo-clipes e de produção

¹³ Representatividade de professoras de composição e processos criativos nas universidades brasileiras: um estudo sobre a música como lugar generificado de construção do conhecimento, disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/228403>; Sopra: conectando mundos e subjetividades no processo de criação, musical. disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/245167>; ela faz o groove delah: linhas e texturas a partir de criações e experimentações sonoras com baixo elétrico e computador, disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/261501>.

de *beats*. Estar ao lado delas, que além de colegas de grupo se tornaram minhas amigas, me fez procurar e criar o hábito de estar cada vez mais ao lado das que me identificavam. E principalmente, me motivou e me permitiu criar e procurar minha própria identidade como instrumentista e compositora. Mas o exercício de olhar e praticar a rede, a troca de habilidades, de conversas, reflexões e leituras sobre gênero, faz com que não seja coincidência que hoje meu trabalho principal seja acompanhar mulheres artistas. Sendo assim, trago neste trabalho de graduação, não só o resultado da minha trajetória como artista, mas também as mulheres que passaram comigo por este caminho.

Margareth Rago traz em *Epistemologia Feministas* (1998) o questionamento sobre se “existe uma memória especificamente feminina” de se fazer e escrever a história, ao mesmo tempo em que se pergunta se essa reescrita seria radicalmente diferente da masculina. As epistemologias feministas são como uma lente para romper relações de poder, e traz a perspectiva de que a forma de se fazer e pensar a produção de saberes não se dá apenas pela presença de sujeitos femininos, mas também uma leitura partindo de nossas vivências subjetivas como mulheres. Sendo assim, segundo Isabel Nogueira (2017), propor um pensamento que se pensa decolonial¹⁴, localizado e feminista, requer não apenas o esforço de incluir novas e novos personagens em uma história que segue sendo contada da mesma maneira, mas achar novos olhares, novos focos e novas lentes para se contar a história .

Lucy Green (2001) fala sobre os lugares generificados na música, destacando que mulheres cantoras e instrumentistas estariam mais próximas de um padrão estabelecido e reconhecido de feminilidade, enquanto que mulheres que compõem ou improvisam, estariam mais afastadas desse padrão, incluindo também mulheres que trabalham com tecnologia, através do uso de computadores, pedais, equipamentos ou instrumentos eletrônicos. A criação sonora é vista como um ato político profundamente ligado à performance e à improvisação. A *Metodologia do Encantamento* (NOGUEIRA, 2020) propõe a ideia de uma pesquisa artística baseada em processos criativos desenvolvidos a partir do conhecimento corporificado, propondo práticas criativas diárias desenvolvidas em constante processo de escuta e diálogo entre todos os participantes. Tal metodologia, baseia-se então nos conceitos da perspectiva artista, o diálogo com a decolonialidade, as epistemologias feministas e a relação entre criação, improvisação e performance, partindo da ideia de que o processo é tão importante quanto o produto, propondo o desenvolvimento do conceito de identidade artística a partir dos saberes localizados em diálogo com a subjetividade individual (NOGUEIRA, 2020).

¹⁴ o pensamento decolonial é advindo da América emergente, buscando romper com padrões pré-estabelecidos advindos de uma colonização europeia.

Assim, uso da metodologia do encantamento, a partir do protocolo “Impermanente movimento”, para a composição e produção deste trabalho. Nele pensa-se uma perspectiva da pesquisa artística baseada em protocolos abertos de ações e não em uma metodologia fechada, onde esse conceito informa as atitudes propostas e a forma como são aplicadas. Sugere-se então algumas ações constantes do protocolo “Impermanente movimento”. Aqui elenco algumas da que adotei para a concepção desta produção:

- o uso da improvisação como fomento da capacidade de fornecer respostas múltiplas aos estímulos e território; atitude de experimentação com materiais, técnicas e linguagens;
- criação e performance coletiva baseada no diálogo e na experiência;
- uso de recursos não musicais como disparadores do processo criativo, dentre eles palavras-poesias, escrita intuitiva, recortes de textos, imagens, cenários, sonhos, vídeos, cartas, narrativas memoriais;
- uso de perspectivas decoloniais e comunicação não violenta no desenvolvimento dos processos;
- atitude de experimentação com materiais, técnicas e linguagens;
- uso da tecnologia como atravessamento do processo criativo e estímulo à criação de metodologias e formas de registro individuais.

Dessa forma a concepção dessa performance que finaliza minha passagem na graduação, se apoia nessas ações assim como valoriza minhas memórias e histórias pessoais, unindo minha subjetividade no processo. Ainda assim, me inspiro muito no trabalho de Isadora Martins, Zazá, *“sangue não é água: a construção de um arquivo audiovisual da vida do meu avô”* (2021). Não é a primeira vez que um trabalho da Zazá me inspira. A decisão por uma performance de graduação também se inspira em seu projeto de graduação *zazá: feita à mão* (2018). A formação de redes é importante por passar o tempo e pensar a importância por ter por perto em quem me inspirar, Zazá também me apresentou o *Girls Rock Camp* e também me presenteou com meu primeiro livro de leitura feminista. Em seu trabalho, ela aborda as peculiaridades da vida de seu avô a partir de objetos de sua casa, representando áreas de sua casa e momentos de sua história, criando um projeto audiovisual. Ela também coloca que, ao apresentar fragmentos de seu arquivo pessoal e familiar por meio de uma série de composições, sendo o arquivo de sua curadoria não apenas uma obra de arte, mas sim a obra de arte em si, ao mesmo tempo que é muito maior e diverso do que esta obra de arte em particular (MARTINS, 2021).

A partir das construções e reflexões dentro do grupo de pesquisa Sônicas, a formação de redes de mulheres em que me encontrei, assim como o apoio e a troca de trabalhos e habilidades entre amigas, parto da história e da vida de meus avós e como elas se entrelaçam na minha e em minha concepção como artista, para produzir esta performance que foi realizada no dia 21 de novembro de 2023, na casa deles.

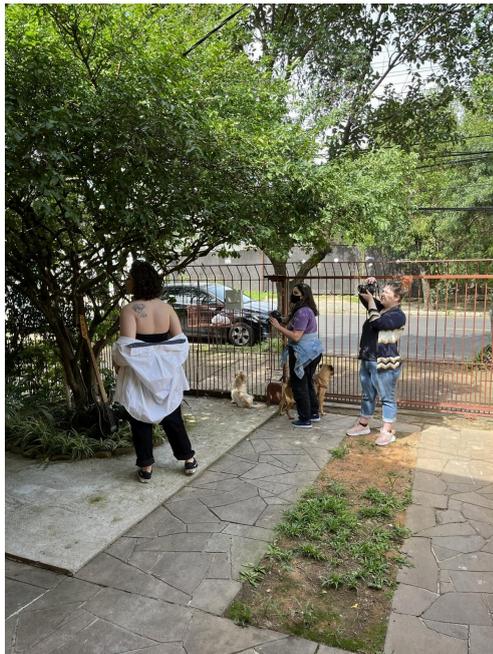
capítulo dois: sons para reverberar a casa

crescer de um pé de acerola

A concepção e produção dessa performance de graduação começou pela definição da data que a mesma aconteceria. A data acertada era 21 de novembro, para a qual planejei e contei com a ajuda de minha mãe e minha avó para a realização. A primeira autorização era de minha Vó Gelci, que em um primeiro momento ficou relutante em permitir que produzissem um show em seu quintal, ressaltando o fato de que ela estava de luto devido a morte de meu avô. Então sua primeira reação foi “o que os vizinhos irão pensar?”. Estando acostumada com ela, sei que no final a permissão iria acontecer e ela iria entender. Afinal era tudo para e sobre ela e meu avô e o quanto a minha criação com eles influencia minha vida e meu fazer profissional.

A minha experiência com *gigs* me ajudou a produzir executiva e musicalmente o show. O fato de eu saber que assumir muitas funções é matéria para as coisas não saírem como o planejado, desde o início me planejei para poder ter orçamento para contratar equipamentos de som e de captação, assim como técnicos de som para operar. Contei com a ajuda de André Brasil e Alexandre Birck para a equipe técnica de som, deixando pré-agendado com eles, logo nas montagens dos cronogramas, no primeiro semestre de 2023. A Prisma Prod., nas pessoas da Julia Herdt e Natália (Nat) Polla, assumiu comigo as ideias para o material visual, de fotos e vídeos, dentre os que utilizei para a divulgação da performance, assim como do resultado final da produção audiovisual. Contei também com a ajuda de Kevin Brezolin, nas luzes, e de Luan Rosa, na produção.

No mês de outubro de 2023 construí, ao lado de Julia e Nat, da Prisma Prod., a identidade visual do show, a partir de um ensaio fotográfico realizado na casa de meus avós. Convidei as meninas para conhecerem essa casa e também para contar a elas a história que eu esperava transmitir no dia do show. A performance estava prevista para acontecer à noite, ao ar livre, no jardim da casa, e a varanda de entrada seria meu palco. Gravamos naquele dia, além das fotos para o material de divulgação, alguns vídeos que usei também para divulgação nas redes sociais, além de vídeos que também usaria para a produção audiovisual do material do show.



Imagens 3 e 4 - Dia do ensaio fotográfico, 18 de outubro de 2023, realizado na casa de meu avós, com a Prisma Prod, Julia e Natalia (arquivo pessoal).

A partir do momento que recebi os resultados das fotos e materiais das gurias, comecei a visualizar e conceber melhor a performance e como podia organizá-la, de maneira que fizesse sentido com a história que eu queria contar e também incluísse a minha trajetória como instrumentista. Nesse momento então construí uma identidade visual para os materiais de divulgação, sendo eles cartazes para mídias sociais e pequenos vídeos que reuniam meus materiais coletados para as criações sonoras. Dentro do cronograma de divulgação do show, estava um vídeo¹⁵ de com um texto sobre minha criação na casa e com sons coletados lá, um *post*¹⁶ de divulgação da data e fazendo o convite e um vídeo¹⁷ contando a história de uma porta que estava escondida por anos na casa de meus avós.

¹⁵ posta em meu perfil do instagram, disponível no link https://www.instagram.com/reel/CzMf-8PORaA/?utm_source=ig_web_copy_link

¹⁶ disponível no link <https://www.instagram.com/p/CzHixCVuKO4/>

¹⁷ disponível no link <https://www.instagram.com/p/Cz4laUYOzH2/>



Imagens 5 e 6 - *card* de divulgação da performance para redes sociais e convite. Design gráfico feito por mim (foto Prisma Prod.).

a performance

Dentro das produções para a realização da performance, a primeira criação que desenvolvi foi para musicar um texto que escrevi, com aspectos que marcaram minha infância e minha criação. Dos materiais sonoros como passarinhos, ruídos dos móveis e aspectos da casa e seus detalhes, foram todos captados dentro da casa, de diversas formas.

O vídeo foi captado e editado também pela Prisma Prod., e ter esses registros sonoros e visuais foi um dos maiores propósitos deste trabalho. Para criar e desenvolver uma performance, em particular essa, não foi preciso apenas os meus anos de conhecimento e aprendizado como musicista e nem apenas os anos que atuo como trabalhadora dentro do meio musical. Me inspirei e quis criar esta performance principalmente para ter o registro sonoro e visual da casa onde me criei, do lugar que deu significado à palavra “casa” para mim. E além disso, para eternizar, em arte, a vida e a existência de meus avós, dentro da maneira que eu pude vivenciar a casa com eles.

A casa de meus avós, não faz sentido sem a presença deles. Com a passagem de meu avô, parece que o brilho que ela tinha já não é como antes, mas ainda se mantém forte pela vida de minha avó. A casa é resultado do trabalho de uma vida de meus avós, da criação e passagem de muitas pessoas, animais e plantas. São todas as histórias, dos que já foram e passaram por lá, moraram muitas vezes, incontáveis dentro de uma história. Ao

fazer esse trabalho, minha intenção foi poder registrar em texto, palavra, som e imagem, o que essa significa e ecoa em mim, essa casa, o som que ela tem e o significado que ela traz. Sei agora que vidas são finitas e principalmente afetadas pela ausência. Não sei qual o futuro e muito menos quantos anos ainda tenho com verões repletos de acerolas, e por isso fiz essa performance, para que ao menos eu sempre possa revisitá-la.

A concepção da performance se deu pela criação de um roteiro prévio, que usei como guia, com os pontos principais que eu tinha idealizado, dentro da ordem que imaginei. O resultado desse processo, no dia da realização do show, assim como a preparação de cada parte do mesmo, descrevo a partir daqui.

o que significa casa pra ti?

A primeira criação que fiz foi para um vídeo de divulgação e contextualização do show. A ideia era reunir em uma trilha, os sons captados na casa, conversas que tive com minha avó, falas de meu avô, somados a textos e falas minhas gravadas. Utilizei para isso a DAW¹⁸ *Reaper*, com a qual possuo mais familiaridade, e então editei e manipulei os materiais gravados e coletados, de maneira a formar uma base para o texto a seguir:

o que significa casa pra ti?

tive a oportunidade de ser cuidada e criada na casa dos meus avós.

*entendi em março deste ano que há finitude da presença física que quem amamos.
aprendi nessa casa que babosa e própolis curam, e que acerola é a fruta mais poderosa e
refrescante para se aproveitar no verão.*

*aprendi que é possível benzer insetos para afastar das plantas sem machucar, que arnica,
“mestruz”¹⁹ e “cipo milome”²⁰ infundado no álcool de cereais, me ajuda com alergias e
também é ótimo para afumentar.*

*aprendi que chimarrão se faz pro lado esquerdo para quem é destro poder servir melhor,
que a primeira água a ser usada tem que ser fria pra não queimar a erva.*

*aprendi que se eu pedir pelo sinal da santa cruz, que deus nosso senhor livra-nos de
nossos inimigos em nome do pai, do filho e do espírito santo estarei protegida de todo mal
que possa acontecer.*

*aprendi que é preciso abençoar nosso lar sempre que possível, cada cômodo, cada canto
com uma água benta feita no poder de muita oração.*

¹⁸ *Digital Audio Workstation.*

¹⁹ mastruz.

²⁰ cipó-mil-homens.

*aprendi que animais podem ser nossos melhores amigos e companheiros, e que é preciso
fazer o bem a cada ser vivo existente.*

*lá eu pude ser mil dys, o pátio era meu universo, e é meu inconsciente. lá pude ser
motorista, professora, cabeleireira, pedicure, astronauta, espiã, construtora, jardineira,
cozinheira e tudo que eu pudesse ou quisesse ser.*

*lá aprendi que é possível construir e fazer qualquer coisa ou objeto. de uma casinha de
boneca rosa pintada de flores até uma casa com estrutura para ser um edifício.*

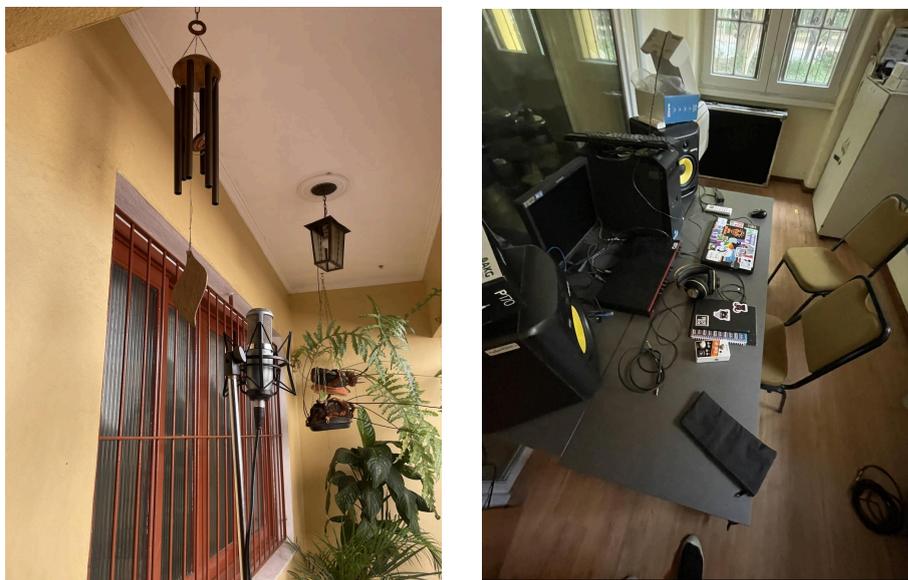
*lá eu aprendi que a nossa casa é formada pelas pessoas que amamos e não apenas
estruturas, mas entendi que estruturas podem guardar caminhos, lugares, sentimentos e
personalidade.*

*aprendi que perdão é um exercício diário, mas que amor e companheirismo podem
recompensar uma vida.*

*e que há vida apesar da morte.
e que a saudade é o sentimento mais forte que existe.*

Gravei minha voz interpretando o texto, nos estúdios da universidade, juntei a minha trilha já pré-montada de sons captados: passarinhos que coletei dos vídeos do ensaio com as gurias, assim como gravações que fiz em agosto de 2023, em casa, com minha avó na cozinha, sinos dos ventos de sua varanda e o barulho que faz a cortina de bambu, entre a cozinha e a despensa. O resultado disso²¹ coloquei em cima de vídeos captados por Julia e Nat no dia que visitaram a casa comigo, imagens do pé de acerola, das plantas, do pátio, os detalhes e tudo que faz aquele lugar ser o que é.

²¹“o que significa casa pra ti?” disponível no link <https://www.instagram.com/p/CzMf-8PORaA/> .



Imagens 7 e 8, dias de gravações para as trilhas, na casa de meus avós e no estúdio da UFRGS (arquivo pessoal).

tricô de retalhos

Minha avó sempre teve apreço por atividades artísticas e tenho lembranças de acompanhá-la em seus encontros de grupo vocal, além de estar junto à ela em casa, ao fazer suas atividades manuais como tricô, pintura, artesanato, costura e jardinagem. Acredito que foi nesse trabalho que me dei conta da influência que tive em me expressar com ela, foi nesse trabalho que entendi muitos aspectos da minha formação e escolhas profissionais. E por conta disso sempre busquei, de certa forma, esse hábito das coisas manuais: gosto de fazer colagens com papel, assim como pinturas e gostaria muito de também saber tricô. Quando comecei a compor, dentro da minha trajetória, a colagem musical se tornou parte importante de meu repertório. Uni a arte de minha avó, assim como objetos feitos à mão, pelo meu avô, e que me lembrassem dele, ornando o cenário da performance, com flores e quadros. Contei com a ajuda de minha avó e de minha mãe para a montagem do cenário no dia.

Dentro da concepção do show, ele foi dividido em duas partes: a primeira, unindo minhas criações, e a segunda, convidando minhas amigas a participarem.

Para construir a trilha que abriria a performance, eu tinha a ideia de promover a sensação de que, naquele momento, a casa estivesse falando e soando tudo o que sinto dentro dela. Reuni os diversos materiais sonoros coletados na casa, como o som de minha avó cortando cebola e preparando uma massa para o almoço e conversas que tivemos ao longo deste ano. Reutilizei áudios que tinha do meu avô ainda comigo em vida, ensinando a como fazer a sua benção, além de partes das falas que gravei para o vídeo de divulgação. O resultado dessa colagem musical emenda em uma base de um sintetizador para então eu entrar com a melodia da música folclórica “se essa rua fosse minha”.

Diário de campo, 21 de novembro de 2023.

As pessoas já haviam chegado, foi um dia exaustivo. Eu imaginava que produzir um show fosse difícil e que eu iria ao meu extremo para dar conta de tudo. Tive a ajuda de muitos, e essa ajuda foi essencial para que, em determinado momento do dia eu pudesse parar e relaxar, tomar um banho, em casa, tranquila e assim poder me preparar para esse momento.

Era um dia de calor, muito calor. Inclusive a previsão era de chuva, mas se adiou para o dia seguinte. Eu sabia que não iria chover, já tinha “combinado”... Meu avô dizia que São Pedro coordenava o tempo, seu dia era 29 de junho, e também era o nome da rua que moravam há anos. Então não choveu, foi um dia quente e bonito, os passarinhos cantavam, o pé já estava cheio de acerolas. Estava iluminado também, afinal era a grande noite do Pé de Acerola.

Tinha convidado minha família e meus amigos e colegas, a divulgação tinha ido bem nas redes sociais, além do interesse e carinho de meus amigos e colegas em querer ir ver o show no dia marcado. Mas o mais importante era a presença de minha avó, ela estava lá, me ajudou a escolher as plantas que iriam ornar a casinha rosa. Estavam todos sentados, o jardim foi suficiente e acomodou quarenta pessoas, com almofadas e tapetes, bancos de madeira feitos pelo meu avô, todos lotados.

O palco estava pronto e um equipamento de som perfeito preparado para se ouvir e também para ouvir do jardim. Estava tudo como eu imaginava. Consegui trazer um show para o jardim que foi palco de tantos sonhos e aventuras minhas. Sentei ao chão da varanda, iluminada, o contrabaixo à minha direita, a sensação era de que tudo que eu sou estava ali naquele momento. A ideia de sentar ao chão não é de agora, sentar ali e observar a palmeira e o pé de acerola com o banco embaixo, de alguma maneira, sempre me transmitiu paz e assim que começo o show.

Dei *play* em **tricô de retalhos**. Estavam todos em silêncio e assim começou a trilha, ecoando as vozes de meu avô por toda casa, a casa feita por ele. Ecoavam diálogos com minha vó, assim como os sinos dos ventos, os passarinhos, as madeirinhas batendo na cozinha, o vento e as palavras *arnica, afumentar, saudade, chimarrão, casa*. A trilha começa em uma base de sintetizador e eu começo a tocar “se essa rua fosse minha” no contrabaixo acústico, essa música que foi trilha constante da minha infância²². Ainda hoje sinto que suas palavras me tocam e que realmente, se aquela rua fosse minha, eu poderia manter o pé de acerola vivo até o fim de minha existência.

Dou boa noite a todos e introduzo o início do show. Anteriormente, no roteiro que fizera para a performance, escrevi:

boa noite a todos! quero agradecer pela presença de todo mundo. esse show faz parte do meu projeto de graduação em música popular. nele eu procuro resgatar o meu inconsciente criativo que nada mais é do que a casa dos meus avós, a casa em que cresci, além do registro dela em forma de áudio e vídeo, com a presença de vocês. tem como intuito “artesanar” esse lugar que foi tanto palco para minha imaginação. hoje aqui também vou contar com participações especiais de pessoas que cruzei durante a caminhada na música até aqui e que são muito importantes dentro da minha criação e da maneira que me encontrei como artista.

mi mana

Começo agora com Mi Mana, uma peça que meu irmão, Nikolas Gomes, compôs ainda durante sua graduação, para uma cadeira da faculdade. Toquei essa música para ingressar no curso de graduação em música e sempre tinha a conversa com Nik de que iríamos grava-lá um dia. Mesmo ele sendo engenheiro de som e eu tendo bastante apreço pela técnica e gravação de som, nunca de fato realizamos isso. Resolvi rearranjá-la para o show e tentar costurar história, mitologia, família e arte. Nesse processo de tentar me entender como artista e também enquanto pessoa, comecei a revisitar os símbolos que me foram atribuídos ainda antes de meu nascimento, e entender de que maneira poderia me apropriar disso. Então inseri a leitura desse texto, antes de tocar Mi Mana:

Na Grécia antiga, existia Minos, Rei de Creta, casado com Pasífae e pai de Ariadne.

²² o resultado de tricô de retalhos está disponível em [■ tricot + se essa rua.mp3](#)

Conta a lenda que o deus Poseidon dá a Minos um touro branco esbelto que deve ser sacrificado em seu nome. Minos se deslumbra pelo animal e resolve assim sacrificar outro touro branco na tentativa de enganar o deus. Poseidon ao perceber a traição de Minos o condena, com a ajuda de Afrodite, faz com que a esposa de Minos, Pasífae, se apaixonasse pelo touro branco e tivesse uma relação com o animal, onde iria engravidar e dar a luz a um ser metade humano e metade touro. Aceitando o castigo, o casal cria o animal nomeado Minotauro, irmão de Ariadne, até a criatura começar a demonstrar desejo e fome por carne humana. Com isso Minos pede a Dédalo, grande arquiteto grego, a construir um labirinto que aprisiona o animal. Na época Atenas era submetida a Creta e com isso a cada ano precisava fazer um sacrifício de 7 meninos e 7 meninas para serem ofertadas ao Minotauro adentrando o labirinto. Em um certo dia Teseu se voluntaria como sacrifício para entrar no labirinto e poder assassinar o animal para então assim acabar com a miséria dos atenienses perante Creta. Ao chegar na ilha, Teseu conhece Ariadne que se apaixona pelo rapaz. Para ajudar a acabar com o monstro, Ariadne oferece um novelo que Teseu levaria consigo para chegar ao final do labirinto, cumprir sua missão e ser capaz de retornar. Após realizar com êxito e bravura a tarefa de acabar com o Minotauro, Teseu sai de Creta com Ariadne.

Após isso a lenda segue diversos desfechos, mas o que mais aparece é que Teseu larga Ariadne em uma ilha de Naxos, onde é encontrada por Dionísio casando-se com ele, mas no final é assassinada por Artemísia a mando do próprio marido.

De tantas histórias e mitos que acompanham meu nome, mesmo que com uma letra adicionada, porque segundo um cálculo místico (ou quem sabe mitológico?) adicionando o Y depois de D Ariadne se torna uma pessoa mais decidida.

Fico pensando em que decisões são essas e o que a Ariadne mitológica pode ensinar a mim que sempre me chamei de Dy e me apresento às vezes até esquecendo que meu nome é A r i a d y n e.

Dentre as histórias, resolvo criar uma nova mitologia, essa que conto aqui pra vocês hoje.

Existe, ao lado de grandes palmeiras, um pé de acerola. Esse pé foi plantado perto do nascimento de uma nova integrante da família da casa que habitava. Com a criança, cresceu junto, diversos verões de frutos, flores e sementes se passaram. Descobriram juntas, a acerola e a criança, que a cada ano a árvore pode crescer mais e dali diversas sementes folhas e frutos podem brotar. Em sua frente, um banco de madeira, para que todos possam, um dia, ali sentar e sentir a energia que anos, criados em solo fértil, pode causar.

Frutos, flores e galhos, pra onde mais pode crescer?

Começo a tocar Mi Mana, repetindo alguns temas e variando entre o uso de arco e pizzicato²³.

²³ resultado de mi mana disponível em [mi mana + mitologia.mp3](#) .

pé de acerola

Durante esse processo de entender a morte de meu avô, desenvolvi formas de expressar isso em textos, diários de luto que escrevi durante a primeira semana de sua ausência. Uso desses momentos de desabafo para conceber *pé de acerola*. A partir de uma sequência de acordes (Db Cm Bbm Ab), inspirada em uma parte da música *Crendice*, de Paola Kirst²⁴, utilizei o pedal de *loop*, emprestado de minha amiga Jalile, e também utilizei efeitos de *envelope filter* e *delay*, de pedais meus. Ao tocar a sequência de acordes em *loop* e deixar soando, leio um trecho de meus diários. Ao final convido a todos a cantarem comigo um pequeno verso com melodia.

Rua São Pedro, 134

tô aqui, te procuro e não te vejo. parece que todo dia um sonho agonizante de novo acontece. na esperança de reencontrar as coisas como elas um dia foram. mas as coisas continuam aqui e o que não vejo é tu. fecho os olhos, imagino. te sinto. olho pras paredes e enxergo tuas mãos, olho pros quadros vejo teu rosto e escuto tua voz. faz meses que me sinto assim e não entendo por completo. tuas coisas continuam aqui, a bengala ainda enfeitada a entrada, as flores continuam a ornar a casa. nesses cômodos que cresci e me vi mudar, te sinto em cada canto, lembro das chegadas, entradas ao sino do portão. te encontrar perto da churrasqueira ou regando as plantas e varrendo o jardim. aqui não é o mesmo sem ti, mas é também pra cá que volto pra te reencontrar e me reencontrar.

*eu sei, não foi por mal que foi assim sem despedida.
te vi, última vez, contava histórias e me dava a mão.
se eu soubesse, parava tudo, mudava o mundo pra tu voltar*

tudo eu faria, mudava tudo, parava o mundo pra te abraçar.

(cantando com todos)

*casinha rosa, cheia de flores, pé de acerola, te espero aqui (2x)
me vejo em ti²⁵*

²⁴ Paola Kirst é cantora e compositora, busca um olhar sensível e experimental, utilizando as melodias cantadas, as palavras das canções e o corpo na performance como instrumentos de expressão poética. No final de 2018 lançou seu primeiro disco “*Costuras que me bordam marcas na pele*”, produzido no estúdio Pedra Redonda, juntamente com o trio KIAI Grupo.

²⁵ resultado de pé de acerola em [■ pé de acerola.mp3](#)



Imagem 9 - dia de ensaio individual, no estúdio Sótão, com a companhia de Hermeto, nosso cachorro (arquivo pessoal).

beili

Minha primeira convidada é Marina Brillman, Beili, minha amiga que pude me aproximar em 2023 e tive a oportunidade de segurar os graves em sua banda de seu projeto autoral. Mari é, além de cantora e compositora, produtora, professora e técnica de som. Nos conhecemos a partir da rede de músicos da cidade, me aproximei dela e, ao juntas criticarmos a falta de mulheres instrumentistas nos eventos de palco aberto de músicos, falei pra ela sobre minha disponibilidade para acompanhá-la e assim surgiu nossa parceria.

No show, performamos juntas em formato voz, guitarra e baixo, duas canções dela: **Mergulho e Alto Mar**²⁶. Durante os ensaios tentamos encontrar uma forma de rearranjar as canções que fazíamos já em formato banda para esse formato reduzido. A parte principal foi unir o final de uma música com voz e baixo com o início da próxima música. O resultado disso é também o resultado da minha proximidade com Mari e da amizade que criamos. O

²⁶ nossa performance de Mergulho e Alto Mar disponível em [mergulho + alto mar.mp3](#)

fato dela também ser técnica de som me aproxima e compartilhamos trocas e habilidades entre nós.

angelis

Conheci Angelis em 2018, ainda antes de entrar na Universidade, a partir de amigos em comum, dentro das Orquestras Jovens. Angelis é cantora, violonista, multinstrumentista e professora. Desde então nos mantemos próximas e muito da nossa identificação está relacionada também aos questionamentos de padrões de beleza. Depois de ingressar no curso - e ela ingressa também, no ano seguinte - nossa relação se manteve e se ampliou. Sempre me interessei pela sua voz, acho incrível a maneira que ela expressa o que sente na sua performance e faz, de onde estiver, olharmos e escutarmos a sua voz. Durante a graduação pude, em alguns momentos dentro de minha monitoria nos estúdios da universidade²⁷, gravar sua voz, além de termos feito trabalhos juntas, com ela tocando violino também. Por nossa amizade e conexão, a convidei para participar dessa performance.

Quando começamos os ensaios, decidimos que iríamos fazer uma música com ela cantando e outra com ela tocando violino. Pensamos primeiramente em arranjar o que queríamos para a peça com violino e baixo acústico. Ela propôs a ideia do cânone em D, de Pachelbel, que se repete e juntas pensamos em enquanto uma sustentava o cânone a outra poderia falar frases que escutamos e que nos desencorajam durante a graduação e as experiências como musicista, falando assim também de questões de opressões por gênero e corpo.

No dia da performance logo após Beili sair do palco, convidei Angelis a subir no palco e também convidei meu companheiro, Luan, que iria tocar guitarra conosco, na primeira música. Juntas pensamos, nos ensaios, em fazer uma música que ela já tivéssemos familiaridade. Optamos por ***Você me vira a cabeça***²⁸, da cantora Alcione. Essa música dediquei à minha mãe. Lembro dos sábados ao som de cds e dvds de Alcione que ela colocava, dizendo que eram músicas “de sua época”. Angelis mais que performou e deu vida à canção: ao lado da guitarra do Lu, toquei baixo elétrico e ela cantou junto do coro dos convidados aos refrões. Foi arrepiante, logo após ficando só nós duas no palco e começamos com nosso ***cânone disruptivo***:

²⁷ Em meus últimos três semestres dentro do curso fui monitora de Prática Coletiva e dos estúdios de práticas amplificadas, pude gravar músicas com os alunos das cadeiras e também participar da organização e montagem técnica das Mostras de Práticas Amplificadas que ocorriam a cada final de semestre.

²⁸ resultado de nossa performance de *Você me vira a cabeça* disponível em

■ [você me vira a cabeça.mp3](#)

Angelis: *tu toca mal mas pelo menos é uma boa professora.*

Dy: *mulher nao pode tocar contrabaixos porque não consegue carregar*

Angelis: *não pode tocar esse solo porque é desengonçada e não tem som.*

Dy: *teu instrumento tem que ser o contrabaixo porque tu é grande.*

Angelis: *te chamo não pq toca bem mas pq tu fica bonita no vídeo.*

Dy: *artista independente não é profissional .*

Juntas: *sem contar todas as vezes que ...*

Dy : *escutei de um colega de banda, minutos antes de um show que todas as vezes que riam, estavam rindo de mim e da maneira que toco.*

Angelis: *ou a vez que o spalla tava muito bêbado e achou que podia falar sobre os meus peitos.*

Juntas: *e sem contar todas as vezes que ... me disseram que pelo bem da minha saúde, eu precisava emagrecer.²⁹*

Ao compor esse cânone com ela, tentamos romper com todas as falas que um dia nos incomodaram, e assim ressignificá-las como expressão artística. Além de Angelis ser parte importante dentro da minha trajetória no curso e também pessoal, é também fundamental estar ao lado dela para romper com lugares que nos causam desconforto e ressignificar esses sentimentos.

ana

Conheci Ana Matiello logo no início da graduação. Fiz algumas cadeiras eletivas com ela que nos aproximaram e, por isso, logo recebi o convite dela para tocar baixo acústico em algumas de suas canções. Ana Matiello, é cantora, compositora, violonista e arranjadora, formada em Música, com habilitação em música popular, pela UFRGS e, atualmente, mestranda em etnomusicologia no PPGMUS/UFRGS. Na performance, começamos com a música **Retratos**³⁰, que Ana compôs como uma canção da produção de seu trabalho de conclusão³¹ de curso para a qual tive a oportunidade de gravar contrabaixo acústico. As linhas de contrabaixo que toco com Ana, nessa canção, são fruto de escritas nossas e compartilhamentos.

²⁹ resultado de nosso cânone disruptivo em  canone disruptivo.mp3

³⁰ nossa performance de *Retratos* disponível em  retratos.mp3

³¹ *Clara: relações de gênero e processos criativos*, disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/248054>.

A segunda música que tocamos, foi lançada mais recentemente, em 2023, na qual pude dar vida às linhas de baixo que Ana compôs para a música **Artesana**³². Suas canções e composições sempre me emocionaram. Ana tem uma voz que ecoa em todos os cantos e também posso aprender muito ao compartilhar esses sons com ela. Nossa troca também vão além da música e se encontram em nossas linhas de pesquisas. Muito nos aproximamos pela música, mas também pelas leituras e trocas de textos que nos fortalecem ainda mais. No resultado da performance pudemos mostrar nossa parceria musical construída ao longo do tempo e, também, o resultado de nossos textos e pesquisas compartilhados.

karol

Conheci Karol Engel logo no dia das primeiras matrículas da graduação, nos aproximamos nas semanas que se seguiram e fomos, cada vez mais, fortalecendo nossa parceria ao longo do curso. Fizemos trabalhos juntas e compartilhamos estudos e sons. Karol é cantora, compositora, instrumentista e professora. Lançou seu primeiro *single*, **Volta**³³, em 2022, no qual eu pude ser responsável pela linha de baixo. Crescemos juntas dentro e fora da música. Além disso, nos aproximamos ainda mais, vivemos diversas experiências, com o *groove das gu*, oportunidades que só pudemos viver ao compartilhamos juntas nossas habilidades para formar um coletivo.

Na performance, realizamos sua canção **Volta**³⁴, no formato *groove das gu*, com vozes, guitarra e baixo elétrico. A segunda canção que performamos foi **Demorei pra assumir**³⁵, composição de Jalile Petzhold. Ambas canções eram repertório de nosso grupo e fazem parte da minha construção como artista.

jalile

Jalile e eu também nos conhecemos no início da graduação. Entretanto Jali, como gosto de chamá-la, foi minha veterana, tendo entrado no curso um ano antes. Assim, me aproximei dela dentro do grupo de pesquisa Sônicas. Nossa vontade por adentrar a cena e também por compartilhar pesquisas e interesses, nos aproximou, nos tornamos amigas logo no primeiro ano e assim continuamos. Juntas ingressamos no grupo de carnaval *Não mexe comigo que eu não só*³⁶ e, mais tarde, seguimos juntas no *groove das gu* também. Além de

³² nossa performance de *Artesana* disponível em  artesana.mp3

³³ *Volta*, disponível no *Spotify* em

<https://open.spotify.com/intl-pt/track/53QjqzvY4kCa97rhtxDigF?si=ff1467762d6b4454>

³⁴ resultado de nossa performance de *Volta* disponível em  volta.mp3 .

³⁵ nossa performance de *Demorei pra Assumir*, disponível em  demorei pra assumir.mp3 .

³⁶ Não Mexe é um bloco carnavalesco de Porto Alegre composto por apenas mulheres, atua também como oficina para mulheres aprenderem instrumentos e também promove discussões de gênero e representatividade.

nossa parceria nos grupos, temos juntas uma dupla para atuar com música ao vivo para bares e eventos, no formato voz, violão e baixo. Falo com sinceridade ao dizer que aprendi e aprendo muito com Jalile. Sair para tocar com ela em diversos ambientes e condições me traz experiência e me incentivou a ir atrás de mais trabalhos para acompanhar, como baixista. Temos juntas uma parceria consolidada de troca e também de amizade. Assim, na performance, fizemos uma canção sua que conheci ainda no início da graduação, no formato voz, violão e baixo acústico: **Espelhos**. A letra dessa canção sempre me arrepiou. Jali traz a reflexão sobre corpo e imagem que desde então também nos unia em nossas questões de pesquisa. Ensaíamos a canção também no formato vozes, piano e baixo acústico com a participação de outras duas colegas de curso, Luiza Hermes e Karine Rodrigues, para a performance de graduação de Jalile intitulada *@eujalile - Diz que me vê*, que ocorreu no dia 05 de dezembro de 2023, na sala Qorpo Santo, da UFRGS.

Em Pé de Acerola, além de **Espelhos**³⁷, fizemos uma versão, convidando Ana Matielo de volta ao palco, no formato vozes, violão e baixo acústico, da música **Vias de fato**³⁸, do grupo *Metá Metá*.

³⁷ nossa performance de *Espelhos* disponível em [■ espelhos.mp3](#) .

³⁸ resultado de nossa performance de *Vias de Fato* disponível em [■ vias de fato.mp3](#)

capítulo três - pós-produção, prospecções.

Na manhã seguinte à performance, ainda estava na casa da minha avó, organizando todos os equipamentos e objetos usados para o cenário para, depois disso, retornar para minha casa em Porto Alegre. Então escrevi em meu bloco de notas do celular:

sobre ontem

é louco que tu planeja uma coisa um tempão, te organiza pensa e repensa várias vezes, mas nunca vai acontecer como a gente idealiza. ontem foi isso, senti mais do que imaginaria sentir, fiquei chateada achando que não me planejei musicalmente bem e pensando em coisinhas que deram errado. mas, no fim, as coisas aconteceram até mais do que eu imaginava, e o mais importante é que minha vó sentiu e entendeu tudo, que era meu maior objetivo. é incrível como me sinto diferente e capaz de tomar a frente de um palco como protagonista da noite, não era assim antes. sobre as coisas que deram errado, não me preocupo porque aconteceram como tinham que acontecer. sobre as coisas que deram certo, que foi a maioria, que bom porque eu me planejei tanto pra que fosse assim. o que mais me tocou é que, mesmo com o tempo inconstante de poa, eu pedi um dia de sol desde o início. não sei se foi meu Vô garantindo com são pedro, o sol e a noite iluminada. deu tudo certo, me senti poderosa e aliviada ao mesmo tempo. sinto que esse ciclo não se encerra porque ainda vou sentir muitas coisas até a defesa final do projeto, mas de ter realizado a parte que mais me sentia insegura e saber que deu tudo certo me deixa muito tranquila com o restante do projeto. sobre o som, era tudo que eu imaginava, conseguimos fazer do jardim, onde cresci, um palco cheio de afeto e personalidade. me tocou muito o que disseram sobre a performance e a concepção do show; me tocou ver boa parte dos meus amigos conhecendo minha casa, minha família, minha Vó. parece que agora, dá pra saber o que é do que ou como sou capaz de fazer o que desejo. daqui pra frente novos rumos. quero entrar no mestrado, adentrar profissionalmente em outros lugares, trabalhar mais com técnica e gravação, mas não dá pra prever porque sei que, no final, as coisas acontecem como são pra acontecer e a gente não contesta e aprende a aceitar e entender. que loucura, gurias, é isso, né?

A partir desse momento começou a parte de pós-produção do material coletado no dia do show, junto dos vídeos gravados anteriormente com a Prisma Prod., e o registro audiovisual da performance. Assim, cheguei na parte final do meu trabalho de conclusão. A ideia foi ter esse registro de maneira completa, dos ambientes da casa, das coisas que me são importantes, assim como o dia do show, em áudio e vídeo, para poder revisitar, sempre

que possível, sentir novamente o que senti no dia 21 de novembro, que foi exatamente como uma soma total do meu sentimento ao encerrar esse ciclo na graduação em música.

Os registros de áudio foram mixados e masterizados por meu irmão Nikolas e as edições de vídeo ficaram a cargo da Prisma Prod. O resultado desse material está disponível para acesso ao público em meu canal do *Youtube* @dybaixista.³⁹

Ao rever a performance gravada, percebi pontos que gostaria que fossem diferentes, mas que aconteceram devido às condições que tínhamos para realizar a performance. No final, fico contente com o resultado, contente com as escolhas que culminaram no lugar que cheguei até aqui. O resultado desse trabalho só foi possível devido à participação de outras pessoas. Meu caminho como artista passa pela troca com essas mulheres artistas, da mesma maneira que o começo desse trabalho é também o início da minha trajetória como instrumentista. Entretanto, uni esse processo profissional de formação junto ao meu processo terapêutico de entendimento pessoal. Pé de Acerola é a finalização de um ciclo, e também o início de diversos outros.

³⁹ temporariamente disponível no link https://drive.google.com/file/d/1Y5xzGaen_4YhVpSLK1q1Vyb-QFp8HYYD/view, a ser mudado depois para o youtube.

considerações finais

Chego aqui sentindo que o diagrama que forma a pele e une o interior e o exterior toma forma e tessitura em algo que posso dizer ser minha subjetividade como artista (ROLNIK, 1997). Se é na obra que o artista mostra sua subjetividade, foi a partir daqui que começo a corporificar ainda mais minha arte. Foi a partir de um olhar das epistemologias feministas (RAGO, 1998), do compartilhar de habilidades com aquelas musicistas com quem me identifico (ABTAN, 2016), e voltar o olhar para o lugar de onde vim e para as pessoas, que me criaram que realizei este projeto de graduação em música popular.

O curso de Música, com habilitação em música popular, me abriu caminhos e é parte fundante de minha carreira. Parto daqui com lágrimas nos olhos ao rever tudo que passei e todos que conheci. Se eu tivesse que resumir o intuito de realizar o bacharelado de Música, com habilitação em música popular da UFRGS, seria se encontrar como artista e, principalmente, formar redes e trocar habilidades com outras pessoas. A concepção dessa performance encerra e exemplifica minha caminhada na graduação. Sigo daqui pronta para novos caminhos, na certeza de sempre ter uma casa para voltar. Conceber este trabalho foi, além de revisitar minha casa de infância e minha trajetória até aqui como musicista, formar parte do que vem a seguir e já almejar novos lugares, desejos e rumos com a bagagem que trago.

flores, frutos e galhos, pra onde mais pode crescer?

referências

ABTAN, Freida. Where Is She? Finding the Women in Electronic Music Culture. *Contemporary Music Review* 35, 1 (2016).

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Madrid: Ediciones Morata, 2001.

MARTINS, Isadora. Gênero, música e tecnologia: relato sobre a criação da performance feita à mão. *Trabalho de conclusão de curso, bacharelado de música, habilitação música popular, Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 2018.

_____. Sangue não é água: a construção de um arquivo audiovisual da vida do meu avô. *Trabalho apresentado para conclusão do curso MMus Creative Practice da Goldsmiths, University of London*. 2021.

MATIELO, Ana Clara. Clara: relações de gênero e processos criativos. *Trabalho de conclusão de curso, bacharelado de música, habilitação música popular, Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, 2021.

NOGUEIRA, Isabel. Metodologia do encantamento: escuta, diálogo e criação para uma pesquisa artística feminista. *Paralelo* 31, 1(14), 64, 2021.
<https://doi.org/10.15210/p31.v1i14.20502>.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam. (Orgs.). *Masculino, Feminino, Plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

ROLNIK, Suely. Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel, S. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papius, 1997.